



CHE

Che

1ª edição

Editora Expressão Popular

São Paulo

Tradução: Dafne Melo

Revisão: Aline Piva, Lia Urbini

Diagramação: Zap design

Capa: Tings Chak

ISBN 978-65-991365-7-3

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR

Rua Abolição, 201 – Bela Vista

CEP 01319-010 – São Paulo – SP

Tel: (11) 3112-0941 / 3105-9500

livraria@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

 ed.expressaopopular

 editoraexpressaopopular

Sumário

- 6** | **Ernesto Che Guevara: Socialismo, o Homem Novo e “Terceiro Mundo”**
Maria del Carmen Ariet-García
- 13** | **Introdução**
Aijaz Ahmad
- 26** | **Mensagem aos povos do mundo através da Tricontinental**
Ernesto Che Guevara
- 46** | **O socialismo e o homem em Cuba**
Ernesto Che Guevara

Ernesto Che Guevara: Socialismo, o Homem Novo e “Terceiro Mundo”



María del Carmen Ariet-García*

* María del Carmen Ariet García é uma destacada pesquisadora da vida e obra de Ernesto Che Guevara. É coordenadora de pesquisas do Centro de Estudos Che Guevara (Havana), encabeçado pela viúva de Che, Aleida March. María del Carmen dirigiu a pesquisa sociohistórica que finalmente conseguiu encontrar os restos de Che Guevara na Bolívia em 1997, 30 anos depois de seu assassinato.

Para Che, os anos 1965 e 1966 se converteram em acontecimentos inquestionáveis dentro de sua condição revolucionária, como ponto de chegada e início de uma nova etapa. Desde o triunfo da Revolução Cubana, em 1959, até sua partida para empreender missões internacionalistas no Congo e na Bolívia, a partir de 1965, deixou uma obra e um pensamento próprio, construído com o objetivo de deixar organizadas suas opiniões e teses sobre como se deveria dar a construção socialista nos países denominados terceiro-mundistas, nutrindo-se de seu “que fazer” em Cuba e das diversas funções e tarefas que enfrentou, apoiado, além do mais, na experiência acumulada no mundo socialista, especialmente da URSS e no estudo detalhado das obras de Marx, Engels e Lenin.

Desse período existem inúmeros escritos, artigos, discursos e reflexões, nos quais se podem precisar os objetivos, projeções e ações que deveriam primar para se empreender a transição socialista, como a meta essencial para alcançar a libertação e emancipação dos seres humanos. Em quase toda sua obra se encontram suas principais teses para atuar de maneira consequente e tornar os países pobres e subdesenvolvidos nações independentes e soberanas, cuja premissa estaria focada na formação de um novo tipo de ser

humano, como portador das mudanças a serem levadas a cabo contra a exploração e contra toda dominação.

Os primeiros meses de 1965 transcorreram como o fechamento de uma etapa, o que vemos ao analisar seu discurso nas Nações Unidas em dezembro de 1964 e o início do percurso realizado em uma parte da África, onde ele se reúne com dirigentes de diferentes nações e com líderes de movimentos de libertação; além do impactante e, para muitos, polêmico discurso proferido em Argel durante o Segundo Seminário Afro-asiático em fevereiro daquele ano, no qual detalha de forma aguda suas posições sobre o papel a ser desempenhado pelo Terceiro Mundo, o enfrentamento ao capitalismo e a necessidade de terem o apoio dos países socialistas em suas lutas por libertação.

Para além das críticas e contradições geradas por esses pronunciamentos, a história mais recente se encarregaria de dar razão ao dano irreparável que significaram a falta de unidade e coerência na defesa do socialismo, e as posições ambíguas e dogmatizantes. Se se julga o caminho escolhido por Che depois desses breves meses, é previsível sua decisão de começar uma nova etapa de luta para acender a chama da libertação dos povos, sem deixar de lado a “tentativa”, como escreveu, de oferecer algumas conclusões sobre os princípios integrais que devem ser parte da formação do novo tipo de ser humano do século XXI.

O breve enunciado do que foi dito, por si só, justifica a publicação de dois textos emblemáticos da produção teórica do Che: “O socialismo e o homem em Cuba” (1965) e a “Mensagem à Tricontinental: criar dois, três, muitos Vietnãs” (1966).

O primeiro, escrito em Argel, foi publicado pela primeira vez no dia 12 de março de 1965 no semanário *Marcha*, no Uruguai. Durante sua estada naquele país, faz o discurso citado anteriormente, cujo epílogo se materializa na

sua participação na luta de libertação do Congo, durante os meses de abril e novembro desse mesmo ano, embora seus resultados não tenham materializado os objetivos propostos. Entretanto, seguindo seu costume habitual, escreve sobre a experiência do Congo em um texto intitulado *Pasagens da guerra revolucionária: Congo*, no qual recolhe “uma amarga experiência”, mas de enorme valor como exemplo de entrega na luta dos povos.

Sua saída do Congo resulta em uma encruzilhada convertida em dilema e alternativa. Era do conhecimento de alguns sua decisão de lutar pela plena libertação da América Latina, desde os longínquos dias de treinamento no México, quando se compromete a lutar pela derrubada da ditadura de Batista sob o comando de Fidel, mas ao mesmo tempo com a reivindicação de, uma vez libertada Cuba, seguir a luta em outros países da região.

O período entre 1955 e 1956, como o início de uma nova faceta na vida do que viria a ser o revolucionário Che Guevara, o conduz ao triunfo de uma autêntica revolução popular, em 1959, conquistada pela luta e com apoio da maioria. Talvez, do compromisso manifestado a Fidel, não estivesse em seu pensamento e ação a conversão em dever participar de maneira ativa do desenvolvimento da evolução e da transformação de um processo revolucionário que gradualmente se radicalizava e se definia socialista, que considerava como seu.

A entrega total à obra da revolução o leva a uma multiplicidade de tarefas e responsabilidades, destinadas a responder e a solucionar o caminho mais livre para transitar em direção ao socialismo nas condições de um país subdesenvolvido e dependente. Esse esforço e suas múltiplas direções o introduzem a um “que fazer” transformador, com o objetivo de estabelecer as bases fundamentais na construção

da nova sociedade. Para além dos julgamentos que foram feitos sobre seu desempenho, existem dois elementos vitais nos quais sobressaem os resultados: sua entrega total ao estudo para tornar mais coerente e consequente o caminho escolhido e suas reflexões em torno da experiência colocada em prática em Cuba, como exemplo para que servisse de fundamento a outros países em idênticas condições, decididos a lutar por um maior bem-estar e desenvolvimento social.

Nesse interesse, como prática consequente, se podem encontrar os estímulos que o levaram a escrever um texto como "O socialismo...", diante de uma partida decidida, mas sem esquecer ou abandonar os princípios pelos quais lutou e trabalhou, não só para consolidar a Revolução Cubana, mas para impulsionar outros e outras no caminho em direção ao socialismo.

Por isso não são casuais nem o título, nem seu conteúdo: a prioridade se centra no papel fundamental que corresponde ao ser humano como sujeito atuante e comprometido com a obra da qual faz parte. Para Che, a subjetividade e sua expressão no material, como consequência do atuar consciente do sujeito, se acentua de maneira ativa, seguindo os princípios esgrimidos por Marx desde o início de sua teoria e compromisso de transformação radical, que tem que emergir para empreender as enormes mudanças estruturais que devem ser impulsionadas na nova sociedade, como substituta da arcaica sociedade capitalista.

Desse ponto de vista, se tornam muito claras as reflexões elaboradas por Che e a necessidade de continuá-las e aprofundá-las a partir da memória histórica, caracterizada por ascensos e retrocessos como qualquer obra passível de mudança, sem deixar de ressaltar os elementos que devem primar para além de diferenças, pois se trata de realizar

uma obra maior e cujo centro parte do próprio ser humano; aquele que necessita se moldar e moldar o conjunto.

Nessa escala superior se encontram a via e as possíveis soluções, por mais difíceis que pareçam, com um único protagonista, o ser humano, que se deve moldar como uma argila maleável, mas com propriedades intrínsecas, demandando mecanismos capazes de atuar como os instrumentos necessários para mudar o todo. É uma tarefa complexa e cansativa, muitas vezes acima de suas capacidades imediatas, mas essencial nessa nova mentalidade que devemos criar entre todos e todas.

A linha consequente de Che sobre como formar a nova humanidade e o convencimento da conquista de uma obra, como foi o exemplo de Cuba ao alcançar o socialismo nas condições de dependência e subdesenvolvimento, não o afastou de inquietações nem das condições difíceis de subsistência e exploração em que muitos povos tinham que conviver, como expressão das áreas mais inóspitas e abandonadas do mundo. O chamado “Terceiro Mundo”, que se levantou para lutar por uma mudança real, torna-se para Che uma nova meta, ao compreender a possibilidade real de triunfo caso se consiga conscientizar sobre os caminhos e concretizar a unidade necessária para alcançá-lo. Não foi e não é um caminho fácil, mas existe a possibilidade de dar passos para a sua concretização se se perfilar as forças consequentes para um desfecho indispensável e para implementar um novo poder hegemônico. Assim ele expressou em Argel, assim tentou no Congo e assim fomentou na Bolívia, onde finalmente é assassinado, mas é também o lugar onde a semente espera para germinar em novos homens e mulheres capazes de conduzir seus destinos a um mundo melhor.

Essa é a essência de suas últimas teses, nas quais ele dá forma à integração dos mais despossuídos, unidos em uma

mensagem intitulada “Criar dois, três, muitos Vietnãs”, em resposta a uma guerra que em sua época representou o mais bárbaro, mas ao mesmo tempo, o mais íntegro da humanidade disposta a lutar por sua dignidade e sua emancipação total.

Os reveses históricos pelos quais a humanidade passou são muito lamentáveis e, logicamente, pessoas como Che e sua fidelidade aos princípios foram atacados e tentou-se eliminá-los. No entanto, a força de seu pensamento e ação prática torna-se um paradigma integral dos novos tempos. É motivo suficiente para compreender e também explicar a utilidade dos trabalhos que aqui se apresentam, que devem ser considerados complementares, pois foram pensados e escritos para abranger a luta, o triunfo e a consolidação do processo em diferentes dimensões, onde o ser humano é e será o centro e para o qual todos os esforços devem ser dirigidos para o seu crescimento espiritual. É o início e a continuidade de uma estratégia real e possível, com uma dimensão superior quando examinada a partir da unidade e da integração, composta por uma força extremamente poderosa de todos os países que vivem à margem da marginalidade. Resta, parafraseando Che, construir uma vontade libertadora do ser humano, onde ressoem “novos gritos de guerra e vitória” para vislumbrar o futuro.



Introdução



Aijaz Ahmad*

*“A Pátria é a humanidade”
José Martí*

*“Faremos o homem do século XXI: nós mesmos”
Che Guevara*

* Pesquisador associado do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social e destacado intelectual marxista

Ernesto “Che” Guevara (1928-1967), autor de dois textos clássicos reunidos aqui, foi um homem que viveu sua vida no tempo futuro, em rebelião permanente contra o mundo feito pelo capital e pelo império, e como um lutador pela transformação revolucionária daquele mundo. Uma grande dificuldade em lê-lo é que Che viveu e morreu em um momento da história radicalmente diferente do nosso. Foi uma época em que cerca de um terço da humanidade vivia em países socialistas, o confronto sistêmico mundial entre capitalismo e comunismo era um fato da vida diária e guerras de libertação nacional estavam ocorrendo em todos os três continentes: Ásia, África e América Latina. Essa foi a era heroica das lutas anti-imperialistas, por assim dizer, em que a conexão intrínseca entre o nacionalismo revolucionário e o comunismo era autoevidente para muitos milhões de pessoas. Como tal, os escritos de Che nos dão a sensação de estar lendo mensagens enviadas em uma garrafa, vindas de um passado revolucionário, e que interceptamos enquanto seguem seu caminho para um futuro revolucionário.

Che não tinha nem 39 anos quando foi assassinado pelo imperialismo e seus capangas. Ao estudar sua vida, temos uma sensação de velocidade meteórica e de várias vidas unidas em uma. Ele se formou em medicina, mas também viajou por grande parte da América Latina antes de terminar seus estudos. Argentino de nascimento, estudou o marxismo mais ou menos sistematicamente durante sua breve estadia na Guatemala, em 1954, e foi lá que se ofereceu pela primeira vez para pegar em armas contra o imperialismo, para defender o governo progressista de Arbenz durante o golpe protagonizado pela CIA e seus mercenários. Ele fugiu para o México, onde conheceu Fidel, ganhou sua confiança e assumiu um compromisso vitalício com a Revolução Cubana. Ingressando inicialmente como

médico para o grupo de exilados revolucionários, logo se destacou como um dos principais comandantes do Exército Rebelde e rapidamente se tornou uma espécie de lenda – e um importante teórico – nos anais da guerra de guerrilhas.

Depois da Revolução, Che assumiu cargos importantes no governo revolucionário, como o de presidente do Banco Nacional e o de ministro das Indústrias, ao mesmo tempo em que atuava como uma espécie de embaixador itinerante de Cuba em inúmeras capitais da Europa, Ásia e África, e como porta-voz do país em diversos fóruns internacionais, de Argel a Nova York. Algumas dessas viagens foram abertas e oficiais, e incluíram negociações diplomáticas e comerciais, inclusive discussões que levaram a uma aliança estreita e multifacetada com a União Soviética e outros países socialistas; outras eram clandestinas, com o objetivo de abrir e/ou coordenar diversas frentes revolucionárias contra o imperialismo. A última e possivelmente a mais ambiciosa dessas viagens clandestinas, para iniciar uma guerra revolucionária na Bolívia que pretendia se espalhar pela Argentina, foi fatal, pois sua base guerrilheira foi emboscada enquanto ele próprio era capturado e assassinado por um contingente do Exército boliviano liderado pela CIA.

Mesmo tendo vivido essa vida tumultuada como um revolucionário na prática, ele também deixou um legado intelectual formidável, alguns dos quais ainda não foram traduzidos do espanhol para outras línguas. Apresentamos aqui dois textos que ilustram diferentes facetas de sua formidável erudição e intelecto. Cada um foi escrito para um propósito específico e o conteúdo de cada um é, portanto, determinado por esse propósito. No entanto, as ideias que são expressas aqui com grande força estavam germinando em seu repertório intelectual há vários anos e algumas articulações delas podem ser encontradas em uma série de seus primeiros escritos e discursos, como “Ideais sociais do exér-

cito rebelde” (1959), “Cuba: exceção histórica ou vanguarda da luta anticolonial?” (1961), “O médico revolucionário” (1960), “Para ser um jovem comunista” (1962) e mais.

Começamos pelo contexto e contornos da sua “Mensagem à Tricontinental”. Cuba sediou a Primeira Conferência de Solidariedade aos Povos da África, Ásia e América Latina (Conferência Tricontinental) em Havana, de 3 a 15 de janeiro de 1966. A Conferência reuniu 512 delegados, bem como mais de 270 convidados e observadores de 82 países. A Organização de Solidariedade com os Povos da África, Ásia e América Latina (OSPAAAL) foi fundada no final dessa Conferência, em 15 de janeiro de 1966, que, por sua vez, publicou o Boletim Tricontinental que divulgou notícias das lutas anti-imperialistas em todos os cantos dos três continentes, e o órgão teórico bimestral, *Tricontinental*, que serviu de fórum para a publicação de escritos de pensadores anti-imperialistas das nações oprimidas.

Mehdi Ben Barka, o grande marxista marroquino nos moldes anti-imperialistas, presidente do comitê organizador internacional da Primeira Conferência Tricontinental, descreveu seu significado com as seguintes palavras:

O encontro de organizações anti-imperialistas em Havana é um evento histórico porque unirá, em uma demonstração de consenso e solidariedade, duas grandes correntes contemporâneas da revolução mundial: a do Outubro Socialista e a luta por libertação nacional nos países do Terceiro Mundo; [e] porque será realizada em Cuba, onde ambas as revoluções estão ocorrendo [...].

Os dois textos de Che Guevara reunidos nesta publicação podem ser lidos como reflexões sobrepostas sobre essa conexão dialética entre comunismo e anti-imperialismo em nossa época.

Che estava em sua missão de solidariedade revolucionária e de combate na África quando a conferência foi realizada

em Havana. Ele redigiu sua mensagem não para a conferência em si, mas para uma edição inaugural especial da revista que foi publicada em 16 de abril de 1967, que apareceu com o título dado por Che: *Criar dois, três... muitos Vietnãs, essa é a palavra de ordem*. O outro texto, “O socialismo e o homem em Cuba”, apareceu primeiro na revista uruguaia *Marcha* em março de 1965. A “Mensagem para a Tricontinental” foi composta como um chamado às armas para um levante revolucionário mundial contra o capital e o império: “[...]o imperialismo é um sistema mundial, última etapa do capitalismo, e que deve ser combatido em uma grande confrontação mundial”, e em outro trecho “E que se desenvolva um verdadeiro internacionalismo proletário, com exércitos proletários”. O outro ensaio, “O socialismo e o homem em Cuba”, é em parte uma reflexão sobre o processo revolucionário em Cuba, mas também, em um grau muito significativo, uma reflexão sobre o significado do próprio comunismo como um processo que transforma não apenas os sistemas de produção e as relações de classe, mas também os próprios seres humanos:

[...] a última e mais importante ambição revolucionária, que é a de ver o homem libertado de sua alienação [...].Desse modo alcançará a total consciência de seu ser social, o que equivale à sua plena realização como criatura humana, uma vez quebradas todas as correntes da alienação.

Isso se traduzirá concretamente na reapropriação de sua natureza por meio do trabalho livre [...].

Algumas passagens desse texto são lidas como se Che estivesse reescrevendo trechos dos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, de Marx, mas com um sentido de imediatismo, como uma aposta e como uma possibilidade aberta pela própria dinâmica da Revolução Cubana e o que ela poderia ensinar, por meio de seu exemplo, para lutas de libertação que se desenrolavam em diferentes cantos dos três continentes.

A “Mensagem à Tricontinental” começa com uma reflexão sobre o tipo de “paz” que prevaleceu durante as quase duas décadas após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e monta, *inter alia*, um ataque audacioso à teoria da coexistência pacífica sem mencionar a teoria *per se*. Che admite que certamente não houve guerra entre as duas grandes superpotências – EUA e URSS –, mas a questão implícita nas primeiras páginas do texto é: será que a ausência de guerra entre as grandes potências significa realmente “paz” e “coexistência pacífica”? Ainda mais, a “coexistência pacífica” com o imperialismo é realmente possível? O próprio imperialismo não é uma força de guerra permanente em todo o mundo? É por isso que ele começa seu texto com comentários sobre a Guerra da Coreia, que começou quase imediatamente após a Segunda Guerra Mundial e na qual, como diz Che, “Nessa guerra intervieram, sob a enganosa bandeira das Nações Unidas, dezenas de países conduzidos militarmente pelos Estados Unidos”. Os EUA utilizaram cerca de dois milhões de militares naquela guerra e lançaram um total de 635 mil toneladas de bombas, incluindo 32.557 toneladas de napalm. Ao começar seus comentários sobre o Vietnã, Che enfatiza que o país lutou contra três potências imperialistas de três continentes diferentes: França, Japão e Estados Unidos. Podemos acrescentar que as toneladas de bombas lançadas pelos EUA no Vietnã excederam toda as toneladas lançadas por todos os lados durante a Segunda Guerra Mundial. Che enfatiza que embora “o foco de contradições, neste momento, está radicado nos territórios da península da Indochina e nos países próximos”, a Coreia e o Vietnã são mencionados como os principais exemplos dos numerosos “confrontos” que os EUA impuseram desde a Segunda Guerra Mundial contra os povos oprimidos em todo o globo. De fato, os EUA e seus aliados têm invadido e minado tantos países do Terceiro Mundo com tal ferocidade que essa máquina global de guerra im-

perialista equivale a algo semelhante a uma Terceira Guerra Mundial, ou seja, uma guerra contra o Terceiro Mundo como um todo em uma era de coexistência pacífica entre superpotências.

Este argumento leva a uma crítica velada, mas amarga, sobre os principais países socialistas e a inadequação de seu apoio ao Vietnã, ao mesmo tempo em que observa as consequências drásticas da divisão sino-soviética em meio a essa guerra imperialista. A primeira ressalva nessa linha de raciocínio vem na forma de uma advertência ampla, dirigida a todos, mas a ninguém em particular: “Não se trata de desejar êxitos ao agredido, mas de compartilhar da sua mesma sorte; acompanhá-lo na morte ou na vitória”. Mas então ele elabora:

O imperialismo norte-americano é culpado pela agressão; seus crimes são imensos e espalhados por todo o mundo. Já sabemos disso, senhores! Mas também são culpados os que, no momento da definição, vacilaram em fazer do Vietnã parte inviolável do território socialista, correndo, assim, os riscos de uma guerra de alcance mundial, mas também obrigando os imperialistas norte-americanos a tomar uma decisão. E são culpados os que mantêm uma guerra de injúrias e rasteiras começada já há tempos pelos representantes das duas maiores potências do campo socialista.

Perguntemo-nos, para conseguir uma resposta honrada: o Vietnã está ou não isolado, equilibrando-se perigosamente entre as duas potências em conflito?

Por “duas potências em disputa”, Che está obviamente se referindo à URSS e à República Popular da China, ou seja, à divisão sino-soviética que teve o efeito de minar o movimento comunista mundial como um todo. Essa não era apenas a posição de Che. Anteriormente, falando nos degraus da Universidade de Havana, em 1965, Fidel havia dito:

[...] sequer os ataques do Vietnã do Norte tiveram como resultado a superação das divisões no seio da família socialista. E quem pode duvidar que essa divisão encoraja os imperialistas? Quem pode duvidar que uma frente unida diante do inimigo

imperialista o teria feito vacilar, o teria feito pensar mais cuidadosamente antes de lançar seus ataques aventureiros e sua intervenção cada vez mais descarada naquela parte do mundo?

Ainda que a própria Cuba se encontrasse sob terrível ameaça do imperialismo estadunidense, Fidel e Che tiveram a coragem e a convicção de que uma crítica justa e necessária a um país socialista fraterno em determinada situação não significava uma quebra de solidariedade.

Essa linha de pensamento – que a verdadeira solidariedade com uma vítima de agressão implica não apenas simpatia, mas a disposição de lutar e compartilhar do destino da vítima; e que “uma frente única contra o inimigo imperialista” era necessária para que o Vietnã fosse protegido e o imperialismo derrotado em escala global – levou então ao tema principal da “Mensagem a Tricontinental” de Che: sua defesa de “Dois, três... Muitos Vietnãs”. Esse era o objetivo da Conferência Tricontinental e das instituições por ela criada: a visão de lutas armadas revolucionárias coordenadas nos três continentes que derrotariam o imperialismo, obrigando-o a dispersar suas forças por todo o mundo e impondo-lhe um nível de custos de guerra que iria corroer seu poder econômico. Não há aqui a ideia de que a tarefa seria fácil: essas frentes anti-imperialistas estão fadadas a ter “sua cota de mortes e suas imensas tragédias”. Nem se deve pensar que essas opiniões eram peculiarmente de Che. Fidel diria algo quase idêntico em seu discurso de encerramento na Conferência Tricontinental: “para os revolucionários cubanos, o campo de batalha contra o imperialismo abrange todo o mundo [...], o movimento revolucionário em qualquer canto da terra pode contar com combatentes cubanos! [...] O dever de todo revolucionário, como diz a Declaração de Havana, é fazer a revolução de fato, não em palavras”.

Che redigiu este texto às vésperas de sua partida para a Bolívia para abrir exatamente essa frente, sabendo, muito

lucidamente, que estava apostando a própria vida por suas convicções. Termina, portanto, com uma espécie de lamento fúnebre por uma morte prevista e aceita de antemão: a sua própria. O seguinte só pode ser lido como uma premonição do que estava por vir:

Se a nós – os que, em um pequeno ponto do mapa do mundo, cumprimos o dever que preconizamos e colocamos à disposição da luta este pouco que nos é permitido dar: nossas vidas, nosso sacrifício – nos cabe em algum desses dias lançar o último suspiro sobre qualquer terra, já nossa, regada com o nosso sangue, saibam que medimos o alcance dos nossos atos e que não nos consideramos nada mais que elementos do grande exército do proletariado [...] Toda nossa ação é um grito de guerra contra o imperialismo e um clamor pela unidade dos povos contra o grande inimigo do gênero humano: os Estados Unidos da América do Norte. Em qualquer lugar que nos surpreenda a morte, bem-vinda seja, sempre que esse, nosso grito de guerra, chegar a ouvidos receptivos e outra mão se estenda para pegar nossas armas, e outros homens se disponham a entoar os cantos de luto com rajadas de metralhadoras e novos gritos de guerra e vitória

As primeiras páginas do outro texto de Che aqui, “O socialismo e o homem em Cuba”, tratam de esclarecer alguns detalhes relativos à construção da Revolução Cubana. Todo o resto está relacionado com o que ele considera ser o empreendimento central do projeto revolucionário e, portanto, do próprio comunismo. Em alguns textos anteriores, Che ofereceu um relato bastante interessante da relação entre a Revolução Cubana e o marxismo. Em seu *Discurso no I Congresso Latino-Americano da Juventude*, por exemplo, ele disse:

[...] esta Revolução, no caso de ser marxista – e escutem bem que digo marxista –, assim seria porque descobriu também, por seus métodos, os caminhos que apontou Marx [...] se nós hoje fazemos isso que chamam de marxismo, é porque o descobrimos aqui [...] Porque naquela época [...] caiu em nossas mãos um pequeno folheto escrito por Mao Zedong [...] e se repetiu por parte das forças populares aqui, sem se

conhecer os manuais que já estavam escritos sobre estratégia e tática da guerra de guerrilhas, usaram o mesmo que se preconizava no outro extremo do mundo para combater a essa força [da ditadura].

Em suas *Notas sobre a ideologia da Revolução Cubana*, ele escreve:

Nós, revolucionários práticos, iniciando nossa luta simplesmente cumpríamos leis previstas por Marx, o cientista, e por esse caminho de rebeldia [...] estamos simplesmente nos ajustando às previsões do cientista Marx. Isto é, e é bom pontuar mais uma vez, as leis do marxismo estão presentes nos acontecimentos da Revolução Cubana, independentemente do que seus líderes professem ou conheçam cabalmente dessas leis, de um ponto de vista teórico.

São passagens extraordinárias. Che, Fidel e seus camaradas eram “revolucionários práticos” que sabiam pouco da teoria marxista da revolução proletária ou da teoria da guerra de guerrilhas de Mao quando montaram seu exército guerrilheiro e se preparavam para fazer o que equivaleria a uma revolução proletária. Em vez disso, foi a própria prática revolucionária em si que demonstrou a eles a verdade objetiva da teoria marxista. Em “O socialismo e o homem em Cuba”, ele continua a castigar o marxismo ocidental por se agarrar à proposição de Marx de que a revolução só é possível depois que o capitalismo avançado tenha realizado todas as suas possibilidades inerentes e seja desmantelado por suas próprias contradições – ao passo que, ele aponta, Lenin já havia substituído essa noção com suas teorias interconectadas do imperialismo e do elo mais fraco, o que por sua vez significava que as revoluções eram de agora em diante muito mais prováveis nas nações oprimidas do que nas capitalistas avançadas. Mas então, uma vez que um país pobre e oprimido como Cuba faz uma revolução, ele deve então lançar-se à política do que costumava ser chamado de “acumulação primitiva socialista” e tentar “se igualar” ao Ocidente avançado? Ou é imperativo seguir um caminho diferente?

Conforme Che argumenta neste texto, as revoluções tricontinentais devem se basear em uma aposta: que sociedades decentes, igualitárias, fundamentalmente boas e cordiais podem de fato serem construídas com níveis relativamente baixos de produção industrial e riqueza material; que é possível tentar transformar não só as relações de produção e forças produtivas como convencionalmente entendidas, de modo a produzir as condições materiais essenciais à segurança, bem-estar e desenvolvimento intelectual do povo, mas também ajudar a resgatar aquelas potencialidades da natureza humana que o capitalismo distorce e destrói e que são essenciais para a construção de uma cultura socialista e de uma sociedade humana. Segundo essa visão, o pior crime do imperialismo é distorcer a própria natureza humana, suprimindo a sociabilidade e a abertura espontânea para os outros que são intrínsecas à natureza humana, e criando, em seu lugar, indivíduos egocêntricos e consumistas que são indiferentes aos bem-estar dos outros – transformando o mundo em uma multidão de alienígenas. Na opinião de Che, a construção do que ele chama de “novo homem e nova mulher” – o indivíduo não alienado e com uma orientação intrínseca para uma sociabilidade radical – é uma tarefa central na criação de uma sociedade socialista. De um lado estavam as estruturas básicas de bem-estar que garantiriam as condições materiais sem as quais a solidariedade moral para com os outros é realmente muito difícil, ou seja, saúde, educação, nutrição etc., para não falar da capacidade de resistir e desenvolver-se coletivamente, apesar da extrema violência imperialista contra o povo cubano. Na outra ponta estava uma visão de solidariedade e obrigações internacionais. A dialética do nacionalismo e do internacionalismo, por assim dizer.



Ernesto Che Guevara

**Mensagem aos povos
do mundo através da
Tricontinental**

**O socialismo e o
homem em Cuba**

Mensagem aos povos do mundo através da Tricontinental*



Criar dois, três... muitos Vietnãs é a palavra de ordem

É a hora dos fornos e se há de ver nada mais que a luz
José Martí

* Mensagem escrita para a Primeira Conferência de Solidariedade aos Povos da África, Ásia e América Latina (Conferência Tricontinental) realizada em Havana, de 3 a 15 de janeiro de 1966. Publicado em *Tricontinental*. Suplemento especial, 16 de abril de 1967.

Já se passaram 21 anos desde o fim da última conflagração mundial e diversas publicações, em uma infinidade de línguas, celebram o acontecimento simbolizado na derrota do Japão. Há um clima de aparente otimismo em muitos setores dos distintos campos em que o mundo se divide.

Vinte e um anos sem guerra mundial, nestes tempos de confrontações máximas, de choques violentos e mudanças repentinas, parece uma cifra muito alta. Mas, sem analisar os resultados práticos dessa paz pela qual todos nós nos manifestamos dispostos a lutar (a miséria, a degradação, a exploração cada vez maior de enormes setores do mundo) cabe se perguntar se ela é real.

Não é a intenção destas notas historiar os diversos conflitos de carácter local que ocorreram desde a rendição do Japão; tampouco é nossa tarefa fazer um inventário, numeroso e crescente, de lutas civis ocorridas durante estes anos de suposta paz.

Basta-nos colocar como exemplo, contra o otimismo desmedido, as guerras da Coreia e do Vietnã.

Na primeira, após anos de luta feroz, a parte norte do país ficou mergulhada na mais terrível devastação que figura nos anais da guerra moderna; crivada de bombas; sem

fábricas, escolas ou hospitais; sem nenhum tipo de habitação para abrigar dez milhões de habitantes.

Nessa guerra intervieram, sob a enganosa bandeira das Nações Unidas, dezenas de países conduzidos militarmente pelos Estados Unidos, com a participação massiva de soldados dessa nacionalidade e com o uso, como bucha de canhão, da população sul-coreana alistada.

No outro bando, o exército e o povo da Coreia e os voluntários da República Popular da China contaram com o abastecimento e a assessoria do aparelho militar soviético. Por parte dos norte-americanos foram feitos todos tipos de experimentação com armas de destruição, excluindo as termonucleares, mas incluindo as bacteriológicas e químicas, em escala limitada. No Vietnã, ocorreram ações bélicas, sustentadas pelas forças patrióticas desse país, quase ininterruptamente, contra três potências imperialistas: o Japão, cujo poderio havia sofrido uma queda vertical a partir das bombas de Hiroshima e Nagasaki; França, que recupera daquele país vencido as suas colônias indochinesas e ignorava as promessas feitas em momentos difíceis; e os Estados Unidos, nesta última fase da batalha.

Houve confrontos limitados em todos os continentes, mesmo quando no americano, durante muito tempo, só se produziram tentativas de luta de libertação e quarteladas, até que a Revolução Cubana fez soar o alerta sobre a importância desta região e atraiu as iras imperialistas, obrigando-a a defender sua costa na Baía dos Porcos, primeiro, e durante a Crise de Outubro, depois.

Este último incidente poderia ter provocado uma guerra de proporções incalculáveis ao se produzir, em torno de Cuba, o choque entre estadunidenses e soviéticos.

Mas, evidentemente, o foco de contradições, neste momento, está radicado nos territórios da península da Indo-

china e nos países próximos. Laos e Vietnã são sacudidos por guerras civis, que deixam de sê-las ao se fazer presente, com todo o seu poderio, o imperialismo norte-americano, e toda a zona se converte em uma perigosa bomba prestes a detonar.

No Vietnã, o confronto adquiriu características de uma agudeza extrema. Tampouco é nossa intenção historiar essa guerra. Simplesmente, assinalaremos alguns marcos para lembrança.

Em 1954, após a derrota aniquilante de Dien-Bien-Phu, foram firmados os acordos de Genebra, que dividiam o país em duas áreas e estipulavam a realização de eleições em um prazo de 18 meses para determinar quem deveria governar o Vietnã e como se reunificaria o país. Os norte-americanos não assinaram tal documento, dando início às manobras para substituir o imperador Bao Dai, marionete francesa, por um homem adequado às suas intenções, que foi Ngo Din Diem, cujo trágico fim é conhecido por todos.

Nos meses posteriores à assinatura do acordo, reinou o otimismo no campo das forças populares. Desmantelaram-se redutos de luta antifrancesa no Sul do país e se aguardou o cumprimento do que havia sido pactuado. Mas logo os patriotas compreenderam que não haveria eleições a menos que os Estados Unidos se sentissem capazes de impor a sua vontade nas urnas, coisa que não poderia ocorrer, mesmo empregando todos os métodos de fraude conhecidos.

Novamente se iniciaram as lutas no sul do país, e foram adquirindo maior intensidade até atingirem o momento atual, em que o exército norte-americano se compõe de quase meio milhão de invasores, enquanto as forças fantoches diminuem seu número, e sobretudo, perderam totalmente a combatividade.

Há cerca de dois anos os norte-americanos começaram o bombardeio sistemático da República Democrática do Vietnã, em mais uma tentativa de frear a combatividade do sul e obrigar a uma conferência a partir de posições de força. A princípio, os bombardeios foram mais ou menos isolados e se revestiam com a máscara de represálias por supostas provocações do norte. Depois, aumentaram em intensidade e método, até se converterem em uma gigantesca batida levada a cabo por unidades aéreas dos Estados Unidos, dia a dia, com o propósito de destruir todo vestígio de civilização na área norte do país. É um episódio da triste célebre escalada.

As aspirações materiais do mundo ianque cumpriram-se em boa parte, apesar da intrépida defesa das unidades antiaéreas vietnamitas, dos mais de 1.700 aviões derrubados e da ajuda do campo socialista em material de guerra.

Há uma penosa realidade: Vietnã, essa nação que representa as aspirações, as esperanças de vitória de todo um mundo preterido, está tragicamente só. Esse povo deve suportar os embates da técnica norte-americana, quase impunemente no sul, com algumas possibilidades de defesa no norte, mas sempre só. A solidariedade do mundo progressista para com o povo do Vietnã se assemelha à amarga ironia que o estímulo da plebe significava para os gladiadores do circo romano. Não se trata de desejar êxitos ao agredido, mas de compartilhar sua própria sorte; acompanhá-lo na morte ou na vitória.

Quando analisamos a solidão vietnamita, somos tomados pela angústia deste momento ilógico da humanidade.

O imperialismo norte-americano é culpado pela agressão; seus crimes são imensos e espalhados por todo o mundo. Já sabemos disso, senhores! Mas também são culpados os que, no momento da definição, vacilaram em fazer do

Vietnã parte inviolável do território socialista, correndo, assim, os riscos de uma guerra de alcance mundial, mas também obrigando os imperialistas norte-americanos a tomar uma decisão. E são culpados os que mantêm uma guerra de injúrias e rasteiras começada já há tempos pelos representantes das duas maiores potências do campo socialista.

Perguntemo-nos, para conseguir uma resposta honrada: o Vietnã está ou não isolado, equilibrando-se perigosamente entre as duas potências em conflito?

E que grandeza a desse povo! Que estoicismo e valor, o desse povo! E que lição para o mundo traz essa luta.

Por muito tempo não saberemos se o presidente Johnson pensava seriamente em iniciar alguma das reformas necessárias a um povo para aparar arestas das contradições de classe que se assomam com força explosiva e cada vez mais frequentemente. O certo é que as melhorias anunciadas sob o pomposo título de luta pela grande sociedade afundaram no Vietnã.

O maior dos poderes imperialistas sente em suas entranhas o sangramento provocado por um país pobre e atrasado, e sua fabulosa economia se ressentida do esforço da guerra. Matar deixa de ser o mais cômodo negócio dos monopólios. Armas de contenção, e não em número suficiente, é tudo o que esses soldados maravilhosos têm, além do amor à sua pátria, à sua sociedade, e uma coragem à toda prova. Mas o imperialismo se atola no Vietnã, não acha caminho de saída e busca desesperadamente algum que lhe permita contornar com dignidade esse perigoso transe em que se encontra. Mas os “quatro pontos” do Norte e “os cinco” do Sul o importunam insistentemente, tornando o confronto ainda mais decidido.

Tudo parece indicar que a paz, essa paz precária a qual se deu tal nome, só porque não se produziu nenhuma con-

flagração de caráter mundial, outra vez corre o risco de se romper diante de qualquer passo irreversível e inaceitável, dado pelos norte-americanos. E a nós, explorados do mundo, qual é o papel que nos corresponde? Os povos de três continentes observam e aprendem a sua lição no Vietnã. Pois, com a ameaça da guerra, os imperialistas exercem a sua chantagem sobre a humanidade; não temer a guerra é a resposta justa. Atacar dura e ininterruptamente em cada ponto de confronto deve ser a tática geral dos povos.

Mas, nos lugares em que esta mísera paz que sofremos não foi quebrada, qual será a nossa tarefa? Nos liberar a qualquer preço.

O panorama do mundo mostra uma grande complexidade. A tarefa da libertação aguarda ainda a países da velha Europa, suficientemente desenvolvidos para sentir todas as contradições do capitalismo, mas tão débeis que não podem mais seguir o rumo do imperialismo ou iniciar essa rota. Aí, as contradições alcançarão nos próximos anos caráter explosivo, mas os seus problemas, e, conseqüentemente, as soluções, são diferentes daqueles dos nossos povos dependentes e atrasados economicamente.

O campo fundamental da exploração do imperialismo abarca os três continentes atrasados: América, Ásia e África. Cada país tem características próprias, mas os continentes, em seu conjunto, também as apresentam.

A América constitui um conjunto mais ou menos homogêneo e na quase totalidade do seu território, os capitais monopolistas norte-americanos mantêm uma primazia absoluta. Os governos fantoches ou, no melhor dos casos, débeis e medrosos, não podem opor-se às ordens do amo ianque. Os norte-americanos chegaram quase ao máximo da sua dominação política e econômica, só poderiam avançar um pouco mais. Qualquer mudança da situação poderia

se converter em um retrocesso em sua primazia. Sua política é manter o conquistado. A linha de ação se reduz, atualmente, ao uso brutal da força para impedir movimentos de libertação de qualquer tipo.

Sob a palavra de ordem “não permitiremos outra Cuba” oculta-se a possibilidade de agressões impunes, como a perpetrada contra Santo Domingo ou, anteriormente, o massacre do Panamá, e a clara advertência de que as tropas ianques estão dispostas a intervir em qualquer lugar da América onde a ordem estabelecida seja alterada, colocando em risco seus interesses. Essa política conta com uma impunidade quase absoluta; a OEA é uma máscara cômoda, por mais desprestigiada que esteja; a ONU é de uma ineficiência próxima do ridículo ou do trágico; os exércitos de todos os países da América estão prontos para intervir e esmagar os seus povos. Formou-se, de fato, a internacional do crime e da traição.

Em contrapartida, as burguesias autóctones perderam toda sua capacidade de oposição ao imperialismo – se alguma vez a tiveram – e são apenas sua correia de transmissão.

Não há mais mudanças a fazer; ou revolução socialista ou caricatura de revolução.

A Ásia é um continente de características diferentes. As lutas de libertação contra uma série de poderes coloniais europeus tiveram como resultado o estabelecimento de governos mais ou menos progressistas, cuja evolução posterior foi, em alguns casos, de aprofundamento dos objetivos primários da libertação nacional e, em outros, de reversão para posições pró-imperialistas.

Do ponto de vista econômico, os Estados Unidos tinham pouco a perder e muito a ganhar na Ásia. As mudanças os favorecem; luta-se para deslocar outros poderes neocolo-

niais, penetrar novas esferas de ação no campo econômico, às vezes diretamente, outras vezes utilizando o Japão.

Mas existem condições políticas especiais, sobretudo na península da Indochina, que dão características de importância capital à Ásia e desempenham um papel importante na estratégia militar global do imperialismo norte-americano. Este exerce um cerco à China através da Coreia do Sul, Japão, Taiwan, Vietnã do Sul e Tailândia, pelo menos.

Essa dupla situação: um interesse estratégico tão importante como o cerco militar à República Popular da China e a ambição de seus capitais em penetrar esses grandes mercados que ainda não dominam fazem com que a Ásia seja um dos lugares mais explosivos do mundo atual, apesar da aparente estabilidade fora da área vietnamita.

Pertencendo geograficamente a este continente, mas com as suas próprias contradições, o Oriente Médio está em plena ebulição, sem que se possa prever até onde chegará essa guerra fria entre Israel, respaldada pelos imperialistas, e os países progressistas da região. É outro dos vulcões ameaçadores do mundo.

A África oferece as características de ser um campo quase virgem para a invasão neocolonial. Produziram-se mudanças que, em alguma medida, obrigaram os poderes neocoloniais a ceder suas antigas prerrogativas de caráter absoluto. Mas, quando os processos são levados a cabo de forma ininterrupta, sucede, sem violência, ao colonialismo um neocolonialismo de iguais efeitos quanto à dominação econômica. Os Estados Unidos não tinham colônias nessa região, e agora lutam por penetrar nos antigos grupos restritos de seus sócios. Pode-se assegurar que a África constitui, nos planos estratégicos do imperialismo norte-americano, sua reserva a longo prazo; seus investimentos atuais só têm importância na União Sul-africana e começa

a sua penetração no Congo, Nigéria e outros países, onde se inicia uma violenta concorrência (com caráter pacífico, até agora) com outros poderes imperialistas.

Eles ainda não têm grandes interesses para defender, salvo seu suposto direito de intervir em cada lugar do globo em que os seus monopólios sintam o cheiro de bons lucros ou a existência de grandes reservas de matérias primas. Todos esses antecedentes tornam lícito o questionamento sobre as possibilidades de libertação dos povos no curto ou médio prazo.

Se analisarmos a África, veremos que se luta com alguma intensidade nas colônias portuguesas da Guiné, Moçambique e Angola, com particular sucesso na primeira e com êxito variável nas duas restantes. Que ainda se assiste à luta entre os sucessores de Lumumba e os velhos cúmplices de Tshombe, no Congo, luta que, no momento atual, parece inclinar-se a favor dos últimos, os que “pacificaram” em proveito próprio uma grande parte do país, ainda que a guerra se mantenha latente.

Na Rodésia, o problema é diferente: o imperialismo britânico utilizou todos os mecanismos a seu alcance para entregar o poder à minoria branca que o detém atualmente. O conflito, do ponto de vista da Inglaterra, é absolutamente antioficial, só que esta potência, com a sua habitual habilidade diplomática – também chamada de hipocrisia, sem meias palavras – apresenta uma aparência de desgosto diante das medidas tomadas pelo governo de Ian Smith, e é apoiada na sua teimosa atitude por alguns países da *Commonwealth* que a seguem, e atacada por uma boa parte dos países da África Negra, sejam ou não dóceis vassalos econômicos do imperialismo inglês.

Na Rodésia, a situação pode se tornar sumamente explosiva caso se concretizem os esforços dos patriotas negros

de pegar em armas e se esse movimento for efetivamente apoiado pelas nações africanas vizinhas. Mas por enquanto todos os problemas se tratam em organismos tão iníquos como a ONU, a *Commonwealth* ou a OUA [Organização da Unidade Africana].

Contudo, a evolução política e social da África não leva a prever uma situação revolucionária continental. As lutas de libertação contra os portugueses devem ser vitoriosas, mas Portugal não significa nada no rol imperialista. As confrontações de importância revolucionária são as que põem em xeque todo o aparato imperialista, ainda que isso não seja motivo para deixarmos de lutar pela libertação das três colônias portuguesas e pelo aprofundamento das suas revoluções.

Quando as massas negras da África do Sul ou da Rodésia iniciarem sua autêntica luta revolucionária, terá se iniciado uma nova época na África. Ou quando as massas empobrecidas de um país se lançarem para resgatar seu direito a uma vida digna das mãos das oligarquias governantes.

Até agora ocorrem golpes de quartel em que um grupo de oficiais substitui outro, ou a um governante que já não sirva aos interesses da casta e das potências que os dirigem secretamente, mas não há convulsões populares. No Congo, se deram fugazmente essas características, impulsionadas pela recordação de Lumumba, mas foram perdendo força nos últimos meses.

Na Ásia, como vimos, a situação é explosiva, e os pontos de atrito não estão só no Vietnã e Laos, onde há luta. Também o é o Camboja, onde a qualquer momento pode se iniciar a agressão direta norte-americana, Tailândia, Malásia e, certamente, Indonésia, onde não podemos pensar que a última palavra tenha sido dita, apesar do aniquilamento do Partido Comunista desse país após os reacionários ocuparem o poder. E, evidentemente, o Oriente Médio.

Na América Latina, luta-se com armas nas mãos na Guatemala, Colômbia, Venezuela e Bolívia, e aparecem já os primeiros brotos no Brasil. Há outros focos de resistência que aparecem e se extinguem. Mas quase todos os países deste continente estão maduros para uma luta desse tipo que, para ser triunfante, só pode se conformar com a instauração de um governo de corte socialista.

Nesse continente, fala-se praticamente uma língua, salvo o caso excepcional do Brasil, com cujo povo os de fala hispana podem se entender, dada a semelhança de ambos os idiomas. Há uma identidade muito grande entre as classes destes países que alcançam uma identificação de tipo “internacional americano”, muito mais completa que em outros continentes. Língua, costumes, religião, amo comum, os une. O grau e as formas de exploração são similares em seus efeitos para exploradores e explorados de uma boa parte dos países da Nossa América. E a rebelião está amadurecendo nela de forma acelerada.

Podemos nos perguntar: como essa rebelião frutificará? De que tipo será? Sustentamos já há tempos que, dadas as suas características similares, a luta na América adquirirá, em seu momento, dimensões continentais. Será palco de muitas grandes batalhas travadas pela humanidade para a sua libertação.

No marco dessa luta de alcance continental, aquelas que atualmente se mantêm de forma ativa são apenas episódicas, mas já deram os mártires que figurarão na história americana como aqueles que entregaram sua cota de sangue necessária nesta última etapa da luta pela liberdade plena do homem. Aí figurarão os nomes do comandante Turcios Lima, do padre Camilo Torres, do comandante Fabricio Ojeda, dos comandantes Lobatón e Luis de la Puente Uceda, figuras importantíssimas nos movimentos revolucionários da Guatemala, Colômbia, Venezuela e Peru.

Mas a mobilização ativa do povo cria seus novos dirigentes: César Montes e Yon Sosa levantam a bandeira na Guatemala, Fabio Vázquez e Marulanda fazem o mesmo na Colômbia, Douglas Bravo no ocidente do país e Américo Martín, em El Bachiller, dirigem suas respectivas frentes na Venezuela.

Novos brotos de guerra surgirão nesses e em outros países americanos, como já ocorreu na Bolívia, e irão crescendo, com todas as vicissitudes que entranha esse perigoso ofício de revolucionário moderno. Muitos morrerão, vítimas de seus erros, outros cairão no duro combate que se avizinha: novos lutadores e novos dirigentes surgirão ao calor da luta revolucionária. O povo irá formando seus combatentes e seus condutores no marco seletivo da própria guerra, e os agentes ianques de repressão aumentarão. Hoje há assessores em todos os países onde a luta armada se mantém e o exército peruano realizou, aparentemente, uma bem-sucedida ofensiva contra os revolucionários desse país, com a assessoria e treinamento dos ianques. Mas se os focos de guerra forem levados com suficiente destreza política e militar, se tornarão praticamente imbatíveis e exigirão novos envios dos ianques. No próprio Peru, com tenacidade e firmeza, novas figuras ainda não inteiramente conhecidas reorganizam a luta guerrilheira. Pouco a pouco, as armas obsoletas, que são suficientes para a repressão de pequenos bandos armados, se converterão em armas modernas, e os grupos de assessores em combatentes norte-americanos, até que, num dado momento, se vejam obrigados a enviar quantidades crescentes de tropas regulares para assegurar a relativa estabilidade de um poder cujo exército nacional fantoche se desintegra diante dos combates das guerrilhas. É o caminho do Vietnã; é o caminho que devem seguir os povos; é o caminho que seguirá a América, com a característica especial de que os grupos armados possam formar

algo como Juntas de Coordenação, para tornar mais difícil a tarefa repressiva do imperialismo ianque e facilitar a própria causa.

A América, continente esquecido pelas últimas lutas políticas de libertação, que começa a se fazer sentir através da Tricontinental na voz da vanguarda de seus povos, que é a Revolução Cubana, terá uma tarefa de muito maior relevo: a criação do segundo ou terceiro Vietnã, ou do segundo e terceiro Vietnã do mundo.

Em definitivo, há que se levar em conta que o imperialismo é um sistema mundial, última etapa do capitalismo, e que deve ser combatido em um grande confronto mundial. A finalidade estratégica dessa luta deve ser a destruição do imperialismo. A participação que cabe a nós, os explorados e atrasados do mundo, é a de eliminar as bases de sustentação do imperialismo: nossos povos oprimidos, de onde extraem capitais, matérias-primas, técnicos e operários baratos, e para onde exportam novos capitais – instrumentos de dominação –, armas e todo tipo de artigos, afundando-nos em uma dependência absoluta. O elemento fundamental dessa finalidade estratégica será, portanto, a libertação real dos povos: libertação que se produzirá pela luta armada, na maioria dos casos, e que terá, na América, quase indefectivelmente, a propriedade de se converter em uma revolução socialista.

Ao focar na destruição do imperialismo, há que identificar sua cabeça, que não é outra que os Estados Unidos da América do Norte.

Devemos realizar uma tarefa de tipo geral que tenha como finalidade tática tirar o inimigo de seu ambiente, obrigando-o a lutar em lugares onde seus hábitos de vida se choquem com a realidade imperante. Não se deve desprezar o adversário; o soldado norte-americano tem capa-

cidade técnica e está respaldado por meios de tal magnitude que o tornam temível. Falta-lhes, essencialmente, a motivação ideológica que seus mais bravos rivais de hoje, os soldados vietnamitas, têm de sobra. Somente poderemos triunfar sobre esse exército à medida que conseguirmos minar seu moral. E isso se faz impingindo-lhe derrotas e ocasionando-lhe repetidos sofrimentos.

Mas esse pequeno esquema de vitórias encerra dentro de si imensos sacrifícios dos povos, sacrifícios que devem se exigir desde hoje, à luz do dia, e que talvez sejam menos dolorosos que os que deveriam suportar se evitássemos constantemente o combate, para tratar de que sejam outros os que tirem as castanhas do fogo para nós.

Claro que o último país a se libertar muito provavelmente o fará sem luta armada e esse povo seria poupado dos sofrimentos de uma guerra longa e tão cruel como a que os imperialistas travam. Mas talvez seja impossível evitar essa luta ou seus efeitos, numa contenda de caráter mundial, e se sofra o mesmo ou mais ainda. Não podemos prever o futuro, mas jamais devemos ceder à tentação claudicante de ser os defensores de um povo que deseja a sua liberdade, mas renega a luta que esta implica, e a espera como uma migalha de vitória.

É absolutamente justo evitar todo sacrifício inútil. Por isso é tão importante o esclarecimento sobre as possibilidades efetivas da América dependente de se libertar de forma pacífica. Para nós é clara a solução dessa questão; pode ser agora ou não o momento indicado para iniciar a luta, mas não podemos ter nenhuma ilusão, nem temos direito a isso, de conquistar a liberdade sem combater. E os combates não serão meras lutas nas ruas de pedras contra gases lacrimogêneos, tampouco greves gerais pacíficas; nem será a luta de um povo enfurecido que destrua em dois ou três dias a

estrutura repressiva das oligarquias governantes; será uma luta longa, sangrenta, que terá sua frente nos refúgios guerrilheiros, nas cidades, nas casas dos combatentes – onde a repressão irá procurando vítimas fáceis entre os seus familiares –, na população camponesa massacrada, nas aldeias ou cidades destruídas pelo bombardeio inimigo.

Nos empurram para essa luta; não há outro remédio a não ser prepará-la e decidir-se por empreendê-la.

Os começos não serão fáceis; serão extremamente difíceis. Toda a capacidade de repressão, toda a capacidade de brutalidade e demagogia das oligarquias se colocará a serviço de sua causa. A nossa missão, na primeira hora, é sobreviver, depois atuará o exemplo perene da guerrilha realizando a propaganda armada na acepção vietnamita da frase, quer dizer, a propaganda dos tiros, dos combates que se ganham ou se perdem, mas se dão, contra os inimigos.

O grande ensinamento da invencibilidade da guerrilha se entranhando nas massas de despossuídos. A galvanização do espírito nacional, a preparação para tarefas mais duras, para resistir a repressões mais violentas.

O ódio como fator de luta; o ódio intransigente ao inimigo que impulsiona para além das limitações naturais do ser humano e o converte numa efetiva, violenta, seletiva e fria máquina de matar. Nossos soldados têm que ser assim; um povo sem ódio não pode triunfar sobre um inimigo brutal.

Há que levar a guerra até onde o inimigo a leve: à sua casa, aos seus lugares de diversão; fazê-la total. Há que o impedir de ter um minuto de tranquilidade, um minuto de sossego fora de seus quartéis, e mesmo dentro deles: atacá-lo onde quer que se encontre; fazê-lo sentir-se uma fera acoçada em cada lugar que transite. Então seu moral irá decaindo.

Se fará mais feroz ainda, mas se notarão os sinais do decaimento que irão surgindo.

E que se desenvolva um verdadeiro internacionalismo proletário; com exércitos proletários internacionais, onde a bandeira sob a qual se lute seja a causa sagrada da redenção da humanidade, de tal modo que morrer sob a bandeira do Vietnã, da Venezuela, da Guatemala, do Laos, da Guiné, da Colômbia, da Bolívia, do Brasil, para citar só os cenários atuais da luta armada, seja igualmente glorioso e apetecível para um americano, um asiático, um africano e, até mesmo, um europeu.

Cada gota de sangue derramada num território sob cuja bandeira não se nasceu é experiência que recolhe quem sobrevive para aplicá-la depois na luta pela libertação do seu lugar de origem. E cada povo que se liberte é uma fase da batalha pela libertação do próprio povo vencido.

É hora de moderar nossas diferenças e colocar tudo a serviço da luta.

Que grandes controvérsias agitam o mundo que luta pela liberdade, já sabemos todos e não podemos ocultá-lo. Que adquiriram um caráter e uma agudeza tais que parece extremamente difícil, senão impossível, o diálogo e a conciliação, também o sabemos. Buscar métodos para iniciar um diálogo que os concorrentes rejeitam é uma tarefa inútil. Mas o inimigo está aí, golpeia todos os dias e ameaça com novos golpes e esses golpes nos unirão, hoje, amanhã ou depois. Os que antes o captarem e se prepararem para essa união necessária terão o reconhecimento dos povos.

Dadas as virulências e intransigências com que se defende cada causa, nós, os despossuídos, não podemos tomar partido por uma ou outra forma de manifestar as divergências, mesmo que concordemos às vezes com algumas posições de um ou outro lado, ou em maior medida com as de

um lado que com os do outro. No momento da luta, a forma em que se tornam visíveis as atuais diferenças constituem uma debilidade; mas no estado em que se encontram, querer consertá-las mediante palavras é uma ilusão. A história as irá apagando ou dando-lhes sua verdadeira explicação.

No nosso mundo de luta, tudo o que seja divergência em torno da tática, método de ação para a realização de objetivos limitados, deve analisar-se com o respeito que merecem as apreciações alheias. Quanto ao grande objetivo estratégico, a destruição total do imperialismo por meio da luta, devemos ser intransigentes.

Sintetizemos assim nossas aspirações de vitória: destruição do imperialismo mediante a eliminação do seu baluarte mais forte, o domínio imperialista dos Estados Unidos da América. Tomar como função tática a libertação gradual dos povos, um a um ou por grupos, levando o inimigo a uma luta difícil fora do seu terreno, liquidando suas bases de sustentação, que são os territórios dependentes.

Isso significa uma guerra longa. E, repetimos mais uma vez, uma guerra cruel. Que ninguém se engane quando for iniciá-la e que ninguém vacile em iniciá-la por temor aos resultados que possa trazer a seu povo. É quase a única esperança de vitória.

Não podemos evitar o chamado da hora. O Vietnã nos ensina isso com a sua permanente lição de heroísmo, sua trágica e cotidiana lição de luta e morte para alcançar a vitória final.

Aí, os soldados do imperialismo encontram o incômodo de quem, acostumado com o nível de vida que ostenta a nação norte-americana, tem que se enfrentar com a terra hostil; a insegurança de quem não pode se mover sem sentir que pisa em território inimigo; a morte dos que avançam para além de seus redutos fortificados; a hostilidade perma-

nente de toda a população. Tudo isso vai provocando repercussão interna nos Estados Unidos; fazendo surgir, assim, um fator atenuado pelo imperialismo em pleno vigor, a luta de classes dentro do seu próprio território.

Como poderíamos olhar o futuro luminoso e próximo, se dois, três, muitos Vietnãs florescessem na superfície do globo, com a sua cota de morte e suas tragédias imensas, com o seu heroísmo cotidiano, com seus repetidos golpes ao imperialismo, com a obrigação que impõe a este de dispersar suas forças, sob o embate do ódio crescente dos povos do mundo!

E se todos fôssemos capazes de nos unir, para que os nossos golpes fossem mais sólidos e certos, para que a ajuda de todo o tipo aos povos em luta fosse ainda mais efetiva, que grande seria o futuro, e que próximo!

Se a nós – os que, em um pequeno ponto do mapa do mundo, cumprimos o dever que preconizamos e colocamos à disposição da luta este pouco que nos é permitido dar: nossas vidas, nosso sacrifício – nos cabe em algum desses dias lançar o último suspiro sobre qualquer terra, já nossa, regada com o nosso sangue, saibam que medimos o alcance dos nossos atos e que não nos consideramos nada mais que elementos do grande exército do proletariado, mas nos sentimos orgulhosos de ter aprendido da Revolução Cubana e de seu grande dirigente máximo a grande lição que emana da sua atitude nessa parte do mundo: “que importam os perigos e sacrifícios de um homem ou de um povo, quando está em jogo o destino da humanidade”.

Toda nossa ação é um grito de guerra contra o imperialismo e um clamor pela unidade dos povos contra o grande inimigo do gênero humano: os Estados Unidos da América do Norte. Em qualquer lugar que nos surpreenda a morte, bem-vinda seja, sempre que esse, nosso grito de guerra,

chegar a ouvidos receptivos e outra mão se estenda para pegar nossas armas, e outros homens se disponham a entoar os cantos de luto com rajadas de metralhadoras e novos gritos de guerra e vitória.



O socialismo e o homem em Cuba*



* Este texto foi escrito sob forma de carta a Carlos Quijano, editor de *Marcha*, semanário publicado em Montevideo, Uruguai a 12 de março de 1965.

Estimado companheiro:

Termino estas notas durante minha viagem pela África, animado pelo desejo de cumprir, ainda que tardiamente, minha promessa. Gostaria de fazê-lo desenvolvendo o tema do título. Penso que pode ser interessante para os leitores do Uruguai.

É comum ouvir da boca dos porta-vozes do capitalismo, como um argumento na luta ideológica contra o socialismo, a afirmação de que este sistema social, ou o período de construção do socialismo que estamos atualmente vivendo, se caracteriza pela abolição do indivíduo no altar do Estado. Não tentarei refutar esta afirmação a partir de uma base meramente teórica, mas sim estabelecer os fatos tal como acontecem em Cuba e acrescentar comentários de caráter geral. Primeiro, esboçarei em pinceladas gerais a história de nossa luta revolucionária antes e depois da tomada do poder.

Como se sabe, a data exata em que se iniciaram as ações revolucionárias que culminaram com o 1º de janeiro de 1959 foi 26 de julho de 1953. Um grupo de homens dirigidos por Fidel Castro atacou na madrugada desse dia o quartel Moncada, na província de Oriente. O ataque foi

um fracasso, o fracasso se transformou em desastre e os sobreviventes foram parar na prisão, para reiniciar, logo depois de terem sido anistiados, a luta revolucionária.

Durante esse processo, no qual existiam apenas germes de socialismo, o homem era um fator fundamental. Nele se confiava, era individualizado, específico, com nome e sobrenome, e o triunfo ou o fracasso da ação empreendida dependia da sua própria capacidade de ação.

Chegou a etapa da luta guerrilheira. Esta se desenvolveu em dois ambientes diferentes: o povo, massa ainda adormecida que precisava ser mobilizada, e sua vanguarda, a guerrilha, motor impulsor da mobilização, gerador de consciência revolucionária e de entusiasmo combativo. Essa vanguarda foi o agente catalisador, aquele que criou as condições subjetivas necessárias à vitória. Também na vanguarda, no marco do processo de proletarização do nosso pensamento, da revolução que se processava em nossos hábitos e nossas mentes, o indivíduo foi o fator fundamental. Cada um dos combatentes da Sierra Maestra que alcançou algum grau superior nas forças revolucionárias tem em sua conta uma história de realizações notáveis. Era em função dessas realizações que conseguia seus galões.

Foi a primeira época heroica, na qual se disputavam para conseguir um cargo de maior responsabilidade, de maior perigo, sem outra satisfação que a do cumprimento do dever. Em nosso trabalho de educação revolucionária, voltamos frequentemente a esse tema instrutivo. Na atitude dos nossos combatentes, vislumbra-se o homem do futuro.

Em outras oportunidades na nossa história se repetiu o fato da entrega total à causa revolucionária. Durante a Crise de Outubro ou durante os dias do furacão Flora, vimos atos de valor e de sacrifícios excepcionais realizados por

um povo inteiro. Uma das nossas tarefas fundamentais do ponto de vista ideológico é a de encontrar a fórmula para perpetuar essa atitude heroica na vida cotidiana.

Em janeiro de 1959, foi estabelecido o governo revolucionário com a participação de vários membros da burguesia entreguista. A presença do exército rebelde constituía a garantia do poder como fator fundamental de força.

Em seguida, ocorreram contradições sérias, resolvidas em primeira instância em fevereiro de 1959, quando Fidel Castro assumiu a chefia do governo, com o cargo de primeiro-ministro. O processo culminava com a renúncia do presidente Urrutia diante da pressão das massas, em julho do mesmo ano.

Naquele momento, aparecia na história da Revolução Cubana, com características bem nítidas, um personagem que se repetirá sistematicamente: a massa.

Esse personagem de múltiplas facetas não é, como se pretende, a soma de elementos de uma mesma categoria (reduzidos, aliás, a uma mesma categoria por imposição do sistema), que atua como um manso rebanho. É verdade que segue seus dirigentes sem vacilar, fundamentalmente a Fidel Castro; mas o grau dessa confiança que ele conquistou está em função precisamente da interpretação cabal dos desejos do povo, de suas aspirações e da luta sincera que ele travou para o cumprimento das promessas feitas.

A massa participou na Reforma Agrária e no difícil empenho de administrar as empresas estatais; passou pela experiência heroica da Baía dos Porcos; forjou-se nas lutas contra as várias hordas de bandidos armados pela CIA; viveu uma das definições mais importantes dos tempos modernos na Crise de Outubro e está hoje trabalhando para a construção do socialismo.

Se olharmos as coisas de um ponto de vista superficial, pode parecer que aqueles que falam da subordinação do indivíduo ao Estado têm razão; a massa realiza com entusiasmo e disciplina sem iguais as tarefas determinadas pelo governo, sejam elas de caráter econômico, cultural, de defesa, esportivo etc. A iniciativa parte geralmente de Fidel ou do alto comando da revolução, é explicada ao povo, que a acata como sendo sua. Outras vezes, o partido e o governo escolhem experiências localizadas e as generalizam, seguindo o mesmo procedimento.

No entanto, o Estado às vezes se equivoca. Quando um desses equívocos se produz, nota-se uma diminuição do entusiasmo coletivo por meio de uma diminuição quantitativa de cada um dos elementos que a formam, e o trabalho diminui até ficar reduzido a magnitudes insignificantes; este é o momento de retificar. Isso aconteceu em março de 1962, diante de uma política sectária imposta ao partido por Aníbal Escalante.

É evidente que o mecanismo não basta para assegurar uma série de medidas sensatas e que falta uma conexão mais estruturada com as massas. Devemos melhorá-la no curso dos próximos anos, mas, para o caso das iniciativas provindas das instâncias superiores do governo, utilizamos por enquanto o método quase intuitivo de auscultar as reações gerais face aos problemas colocados.

Fidel é mestre nisso, cujo modo particular de integração com o povo só pode ser apreciado vendo-o atuar. Nas grandes concentrações públicas, observa-se algo como o diálogo de dois diapasões, cujas vibrações provocam outras no interlocutor. Fidel e a massa começam a vibrar num diálogo de intensidade crescente até alcançar o clímax num final abrupto coroado por nosso grito de luta e vitória.

O que é difícil entender para quem não vive a experiência da revolução é essa estreita unidade dialética existente entre

o indivíduo e a massa, em que ambos se inter-relacionam, e a massa, por sua vez, enquanto conjunto de indivíduos, se inter-relaciona com os dirigentes.

No capitalismo pode-se verificar alguns fenômenos desse tipo, quando aparecem políticos capazes de conseguir a mobilização popular, mas se não se tratar de um autêntico movimento social, e nesse caso não é totalmente lícito falar de capitalismo, o movimento durará enquanto durar a vida de quem o impulsiona, ou até o fim das ilusões populares, imposto pelo rigor da sociedade capitalista. Nessa sociedade, o homem é dirigido por um frio ordenamento, que habitualmente escapa ao domínio de sua compreensão. O exemplar humano, alienado, tem um cordão umbilical invisível que o liga à sociedade no seu conjunto: a lei do valor. Ela atua em todos os aspectos de sua vida, modela seu caminho e seu destino.

As leis do capitalismo, invisíveis para o homem comum e cegas, atuam sobre o indivíduo sem que este o perceba. Ele vê apenas a amplitude de um horizonte que parece infinito. É apresentado desse modo pela propaganda capitalista, que pretende tirar do caso Rockefeller – verídico ou não – uma lição sobre as possibilidades de êxito. A miséria que é necessária acumular para que surja um exemplo como este e a quantidade de desgraças que uma fortuna dessa magnitude ocasionou para poder existir não aparecem no quadro, e nem sempre as forças populares têm a possibilidade de aclarar esses conceitos (caberia aqui uma indagação sobre como, nos países imperialistas, os trabalhadores perdem seu espírito internacional de classe por causa de uma certa cumplicidade na exploração dos países dependentes e como esse fato, ao mesmo tempo, diminui o espírito de luta das massas no próprio país; mas este é um tema que foge ao propósito destas notas).

De qualquer maneira, mostra-se o caminho com obstáculos que, aparentemente, um indivíduo com as qualidades necessárias pode superar para chegar até a meta. O prêmio é visualizado à distância; o caminho é solitário. Ademais, é uma corrida de lobos: pode-se chegar apenas à custa do fracasso de outros.

Tentarei agora definir o indivíduo, ator desse estranho e apaixonante drama que é a construção do socialismo, em sua dupla existência de ser único e membro da comunidade.

Penso que o mais simples é reconhecer sua qualidade de não feito, de produto não acabado. As falhas do passado se transmitem até o presente na consciência individual, e há necessidade de se fazer um trabalho contínuo para erradicá-las.

O processo é duplo: por um lado, a sociedade atua com sua educação direta e indireta; por outro lado, o indivíduo se submete a um processo consciente de autoeducação.

A nova sociedade em formação tem que competir duramente com o passado. Isso se faz sentir não apenas na consciência individual, na qual pesam os resíduos de uma educação sistematicamente orientada para o isolamento do indivíduo, mas também pelo próprio caráter desse período de transição, quando persistem as relações mercantis. A mercadoria é a célula econômica da sociedade capitalista; enquanto existir, seus efeitos se farão sentir na organização da produção e, em consequência, na consciência.

No esquema de Marx se concebia o período de transição como resultado da transformação explosiva do sistema capitalista destruído por suas contradições; na realidade posterior, viu-se como desprendem da árvore imperialista alguns países que constituem os ramos mais débeis, fenômeno previsto por Lenin. Nesses países, o capitalismo se desenvolveu suficientemente para fazer sentir seus efeitos

de um ou outro modo sobre o povo, mas não são suas próprias contradições que, esgotadas todas as possibilidades, fazem explodir o sistema. A luta de libertação contra um opressor externo; a miséria provocada por acidentes estranhos como a guerra, cujas consequências fazem recair as classes privilegiadas sobre os explorados; os movimentos de libertação destinados a derrotar regimes neocolonialistas, são os fatores habituais do desencadeamento. A ação consciente faz o resto.

Nesses países, ainda não se produziu uma educação completa para o trabalho social, a riqueza está longe de poder chegar às massas por meio do simples processo de apropriação. O subdesenvolvimento, por um lado, e a habitual fuga de capitais para países “civilizados”, por outro, tornam impossível uma mudança rápida e sem sacrifícios. Resta um grande caminho a percorrer na construção da base econômica, e a tentação de seguir os caminhos trilhados pelo interesse material como alavanca impulsora de um desenvolvimento acelerado é muito grande.

Corre-se o perigo de que as árvores impeçam de ver o bosque. Perseguindo a quimera de realizar o socialismo com a ajuda das armas legadas pelo capitalismo (a mercadoria como célula econômica, a rentabilidade, o interesse material individual como alavanca etc.), pode-se chegar a um beco sem saída. E chega-se aí depois de percorrer uma longa distância, na qual os caminhos se cruzam muitas vezes e em que é difícil perceber o momento em que se errou de caminho. Entretanto, a base econômica adaptada fez seu trabalho de corrosão sobre o desenvolvimento da consciência. Para construir o comunismo, paralelamente à base material, há que se fazer o homem novo.

Daí a importância de escolher corretamente o instrumento de mobilização das massas. Esse instrumento deve

ser de índole fundamentalmente moral, sem esquecer uma correta utilização do estímulo material, sobretudo de natureza social.

Como já disse, em momentos de perigo extremo é fácil potencializar os estímulos morais; para manter sua vigência, é necessário o desenvolvimento de uma consciência na qual os valores adquiram categorias novas. A sociedade em seu conjunto deve se transformar em uma gigantesca escola.

As grandes linhas do fenômeno são similares ao processo de formação da consciência capitalista em sua primeira época. O capitalismo recorre à força, mas também educa as pessoas dentro do sistema. A propaganda direta é realizada pelos encarregados de explicar o caráter inevitável de um regime de classe, seja de origem divina, ou por imposição da natureza como ser mecânico. Isso aplaca as massas, que se veem oprimidas por um mal contra o qual não é possível lutar.

Em seguida, vem a esperança, e é neste ponto que se diferencia dos regimes anteriores de casta, que não apontavam saídas possíveis.

Para alguns, continuará vigente ainda a fórmula de castas: o prêmio para os obedientes consiste no acesso, depois da morte, a outros mundos maravilhosos, onde os bons são premiados, como acontece na velha tradição. Para outros há inovação: a separação em classes é fatal, mas os indivíduos podem sair da classe a que pertencem por meio do trabalho, da iniciativa etc. Esse processo e o da autoeducação para o triunfo devem ser profundamente hipócritas: é a demonstração interessada de que uma mentira é verdade.

No nosso caso, a educação direta adquire uma importância muito maior. A explicação é convincente porque é verdadeira: não precisa de subterfúgios. Ela se exerce por meio do aparato educativo do Estado em função da cultura geral,

técnica e ideológica, por meio de organismos como o Ministério da Educação e o aparelho de divulgação do partido. A educação penetra nas massas e a nova atitude preconizada tende a se converter em hábito; a massa vai incorporando-a e pressiona quem ainda não se educou. Esta é a forma indireta de educar as massas, tão poderosa quanto a outra.

Mas o processo é consciente: o indivíduo recebe continuamente o impacto do novo poder social e percebe que não está completamente adequado a ele. Sob a influência da pressão que supõe a educação indireta, ele trata de se acomodar a uma situação que sente como justa e cuja própria falta de desenvolvimento o tinha impedido de fazê-lo até agora. Ele se autoeduca.

Neste período de construção do socialismo, podemos ver o homem novo que está nascendo. Sua imagem ainda não está acabada, nem poderia estar, já que o processo anda paralelo ao desenvolvimento de novas formas econômicas. Tirando aqueles cuja falta de educação os faz tender para o caminho solitário, para a autossatisfação de suas ambições, aqueles que, mesmo dentro desse novo panorama de marcha conjunta, têm a tendência de caminhar isolados da massa que acompanham, o importante é que os homens vão adquirindo cada dia maior consciência da necessidade de sua incorporação à sociedade e, ao mesmo tempo, de sua importância como motores dela.

Eles já não andam completamente sozinhos por caminhos perdidos em direção a longínquas aspirações. Eles seguem a vanguarda constituída pelo partido, pelos operários da vanguarda e pelos homens da vanguarda que caminham ligados às massas e em estreita comunicação com elas. As vanguardas têm os olhos voltados para o futuro e sua recompensa, mas esta não é vista como algo individual; o prêmio é a nova sociedade, na qual os homens terão características diferentes: a sociedade do homem comunista.

O caminho é longo e cheio de dificuldades. Às vezes, por se ter enganado de caminho, tem de retroceder; outras vezes, por caminhar depressa demais, nos separamos das massas; em certas ocasiões, por fazê-lo lentamente, sentimos a presença próxima dos que pisam em nossos calcanhares. Em nossa ambição de revolucionários, tentamos caminhar tão depressa quanto possível, abrindo caminhos; mas sabemos que temos de nutrir-nos da massa, e esta somente poderá avançar mais rápido se a animamos com nosso exemplo.

Apesar da importância dada aos estímulos morais, o fato de existir a divisão em dois grupos principais (excluindo, claro, a fração minoritária dos que não participam por uma razão ou outra da construção do socialismo) aponta a relativa falta de desenvolvimento da consciência social. O grupo de vanguarda é ideologicamente mais avançado que a massa; esta conhece os novos valores, mas insuficientemente. Enquanto nos primeiros se dá uma mudança qualitativa que lhes permite se sacrificar na sua função de vanguarda, os segundos apenas seguem e devem ser submetidos a estímulos e pressões de certa intensidade; é a ditadura do proletariado que se exerce não somente sobre a classe derrotada, mas também individualmente sobre a classe vencedora.

Tudo isto implica, para seu êxito total, a necessidade de uma série de mecanismos, as instituições revolucionárias. Na imagem das multidões marchando para o futuro se encaixa o conceito de institucionalização como o de um conjunto harmônico de canais, escalões, represas, aparatos bem consolidados que permitam essa marcha, que permitam a seleção natural daqueles destinados a caminhar na vanguarda e que concedam o prêmio aos que cumprem, e o castigo aos que atentem contra a sociedade em construção.

Essa institucionalidade da revolução ainda não foi alcançada. Buscamos algo novo que permita a perfeita identi-

ficação entre o governo e a comunidade em seu conjunto, ajustada às condições peculiares da construção do socialismo e fugindo ao máximo dos lugares-comuns da democracia burguesa, transplantados para a sociedade em formação (como as câmaras legislativas, por exemplo). Foram feitas algumas experiências dedicadas a criar progressivamente a institucionalização da revolução, mas sem maior pressa. O maior freio que encontramos foi o medo de que qualquer aspecto formal nos separe das massas e do indivíduo, nos faça perder de vista a última e mais importante ambição revolucionária, que é a de ver o homem libertado de sua alienação.

Não obstante a carência das instituições, o que deve ser superado gradualmente, as massas agora fazem a história como um conjunto consciente de indivíduos que lutam por uma mesma causa. O homem, no socialismo, apesar de sua aparente padronização, é mais completo; apesar da falta do mecanismo perfeito para isso, sua possibilidade de se expressar e de influir no aparato social é infinitamente maior.

Mas é preciso ainda acentuar sua participação consciente, individual e coletiva em todos os mecanismos de direção e produção, e ligá-la à ideia da necessidade da educação técnica e ideológica, de maneira que sinta como esses processos são estreitamente interdependentes e seus avanços, paralelos. Desse modo alcançará a total consciência de seu ser social, o que equivale à sua plena realização como criatura humana, uma vez quebradas todas as correntes da alienação.

Isso se traduzirá concretamente na reapropriação de sua natureza por meio do trabalho livre e da expressão de sua própria condição humana por meio da cultura e da arte.

Para que se desenvolva na primeira, o trabalho deve adquirir uma nova condição. A mercadoria homem cessa de existir

e se instala um sistema que outorga uma cota pelo cumprimento do dever social. Os meios de produção pertencem à sociedade e a máquina é apenas a trincheira onde o dever é cumprido. O homem começa a libertar seu pensamento da obrigação penosa que tinha de satisfazer suas necessidades animais por meio do trabalho. Ele começa a se ver retratado em sua obra e a compreender sua magnitude humana por meio do objeto criado, do trabalho realizado. Isso já não significa deixar uma parte de seu ser em forma de força de trabalho vendida, que não lhe pertence mais, mas significa uma emanção de si mesmo, uma contribuição à vida comum em que se reflete; o cumprimento do seu dever social.

Fazemos todo o possível para dar ao trabalho esta nova categoria de dever social e uni-lo, por um lado, ao desenvolvimento da técnica, o que dará condições para uma maior liberdade e, por outro, ao trabalho voluntário, embasado na concepção marxista de que o homem realmente alcança sua plena condição humana quando produz sem a compulsão da necessidade física de vender-se como mercadoria.

Claro que existem ainda aspectos coercitivos no trabalho, mesmo quando é voluntário; o homem não transformou toda a coerção que o rodeia num reflexo condicionado de natureza social, e produz ainda, em muitos casos, sob a pressão do meio (compulsão moral, como a chama Fidel). Ainda lhe falta conseguir a plena recriação espiritual diante de sua obra, sem a pressão direta do meio social, mas ligado a ele pelos novos hábitos. Isto será o comunismo.

A mudança não se produz automaticamente na consciência como também não se produz na economia. As variações são lentas e não são rítmicas; há períodos de aceleração, outros de estagnação e inclusive de retrocesso.

Devemos considerar também, como já dissemos antes, que não estamos diante do período puro de transição, como

o descreveu Marx na *Crítica ao programa de Gotha*, mas numa nova fase não prevista por ele; o primeiro período de transição do comunismo ou da construção do socialismo. Isso se dá em meio a violentas lutas de classe e com elementos do capitalismo em seu seio, que obscurecem a compreensão cabal de sua essência.

Se a isso acrescentamos a escolástica que freou o desenvolvimento da filosofia marxista e impediu o tratamento sistemático do período, cuja economia política não se desenvolveu, devemos convir que ainda estamos engatinhando e que é preciso dedicar-se a investigar todas as características primordiais deste período antes de elaborar uma teoria econômica e política de maior alcance.

A teoria resultante dará indefectivelmente maior importância aos dois pilares da construção: a formação do homem novo e o desenvolvimento da técnica. Em ambos os aspectos ainda resta muito por fazer, mas é menos perdoável o atraso no que diz respeito à concepção da técnica como base fundamental, já que aqui não se trata de avançar às cegas, mas de seguir durante bom tempo o caminho aberto pelos países mais adiantados do mundo. Por isso, Fidel insiste tanto sobre a necessidade da formação tecnológica e científica de todo o nosso povo e mais ainda de sua vanguarda.

No campo das ideias que conduzem a atividades não produtivas, é mais fácil ver a divisão entre a necessidade material e a espiritual. Faz muito tempo que o homem tenta se libertar da alienação mediante a cultura e a arte. Ele morre diariamente nas oito ou mais horas enquanto atua como mercadoria, para ressuscitar depois por meio de sua criação espiritual. Mas esse remédio traz os germes da mesma doença: é um ser solitário que busca comunhão com a natureza. Ele defende sua individualidade oprimida pelo

meio e reage diante das ideias estéticas como um ser único cuja aspiração é permanecer imaculado.

Trata-se apenas de uma tentativa de fuga. A lei do valor já não é um mero reflexo das relações de produção; os capitalistas monopolistas rodeiam-na de um complicado arcabouço que a converte numa serva dócil, mesmo que os métodos empregados sejam puramente empíricos. A superestrutura impõe um tipo de arte no qual os artistas têm de ser educados. Os rebeldes são dominados pela maquinaria e somente os talentos excepcionais poderão criar sua própria obra. Os restantes se tornam assalariados envergonhados ou são triturados.

Inventa-se a investigação artística que se dá como definidora da liberdade, mas essa “pesquisa” tem seus limites, imperceptíveis até o momento de se chocar com eles, vale dizer, de se colocarem os problemas reais do homem em sua alienação. A angústia sem sentido ou o passatempo vulgar constituem válvulas cômodas para a preocupação humana; combate-se a ideia de fazer da arte uma arma de denúncia.

Se as regras do jogo são respeitadas, pode-se obter todas as honras: as que ganharia um macaco ao inventar piruetas. A condição é não tentar escapar da jaula invisível.

Quando a revolução tomou o poder, produziu-se o êxodo dos domesticados totais; os demais, revolucionários ou não, viram um novo caminho. A pesquisa artística ganhou novo impulso. No entanto, as rotas estavam mais ou menos traçadas, e o sentido do conceito “fuga” se escondeu por trás da palavra “liberdade”. Os próprios revolucionários mantiveram muitas vezes essa atitude, reflexo do idealismo burguês na consciência.

Em países que passaram por um processo similar, tentou-se combater essas tendências com um dogmatismo exagerado. A cultura geral se converteu quase em um tabu

e a representação formalmente exata da natureza foi proclamada o ápice da aspiração cultural, e esta se converteu logo numa representação mecânica da realidade social que se queria fazer ver; a sociedade ideal, quase sem conflitos e contradições, que se buscava criar.

O socialismo é jovem e tem erros.

Nós, os revolucionários, carecemos, muitas vezes, dos conhecimentos e da audácia intelectual necessários para encarar a tarefa do desenvolvimento de um novo homem por métodos diferentes dos convencionais, e os métodos convencionais sofrem a influência da sociedade que os criou (mais uma vez se coloca o tema da relação entre forma e conteúdo). A desorientação é grande, e os problemas da construção material nos absorvem. Não existem artistas reconhecidos que, por sua vez, tenham grande autoridade revolucionária. Os homens do partido devem assumir essa tarefa e tentar conseguir o objetivo principal: educar o povo.

Busca-se então a simplificação, que é o que todo mundo entende e que é também o que os funcionários entendem. A pesquisa artística autêntica é anulada e o problema da cultura geral é reduzido a uma apropriação do presente socialista e do passado morto (portanto, não perigoso). Assim nasce o realismo socialista sobre as bases da arte do século passado.

Mas a arte realista do século XIX também é de classe, talvez mais puramente capitalista do que esta arte decadente do século XX, em que transparece a angústia do homem alienado. O capitalismo em termos de cultura já deu tudo de si e dele não resta nada senão o anúncio de um cadáver fedorento na arte, sua decadência atual. Mas por que pretender buscar nas formas congeladas do realismo socialista a única receita válida? Não se pode opor ao realismo socialista a “liberdade”,

porque esta não existe ainda e não existirá até o desenvolvimento completo da sociedade nova, mas não se deve pretender condenar todas as formas de arte posteriores à primeira metade do século XIX, resolutamente desde o trono pontifício do realismo, pois se cairia num erro proudhoniano de retorno ao passado, colocando camisa de força na expressão artística do homem que nasce e se constrói hoje.

Falta o desenvolvimento de um mecanismo ideológico e cultural que permita a pesquisa e destrua a erva daninha tão facilmente multiplicável no terreno beneficiado da subvenção estatal.

No nosso país, o erro do mecanicismo realista não ocorreu; mas sim um outro de signo contrário. E deu-se por não se ter compreendido a necessidade da criação do homem novo que não seja o representado pelas ideias do século XIX, nem tampouco pelas do nosso século decadente e mórbido. O homem do século XXI é aquele que devemos criar, mesmo que ainda seja uma aspiração subjetiva e não sistematizada. Este é precisamente um dos pontos fundamentais do nosso estudo e do nosso trabalho e, à medida que consigamos êxitos concretos sobre uma base teórica, ou, vice-versa, se extraíam conclusões teóricas de caráter amplo sobre a base de nossa pesquisa concreta, teremos dado uma contribuição valiosa ao marxismo-leninismo, à causa da humanidade. A reação contra o homem do século XIX nos fez cair na reincidência do decadentismo do século XX. Não é um erro demasiadamente grave, mas devemos superá-lo sob pena de abrir um largo espaço ao revisionismo.

As grandes multidões estão se desenvolvendo, as novas ideias vão alcançando ímpeto adequado no seio da sociedade, e as possibilidades materiais de desenvolvimento integral de absolutamente todos seus membros tornam o labor muito mais frutífero. O presente é de luta; o futuro é nosso.

Resumindo, a culpabilidade de muitos dos nossos intelectuais e artistas reside em seu pecado original; não são autenticamente revolucionários. Podemos tentar enxertar o olmo para que dê peras, mas simultaneamente temos que plantar a pereira. As novas gerações virão livres do pecado original. As probabilidades de que surjam artistas excepcionais serão tanto maiores quanto mais se tenha ampliado o campo da cultura e a possibilidade de expressão. Nossa tarefa consiste em impedir que a geração atual, desarticulada por seus conflitos, se perverta e perverta as novas. Não devemos criar assalariados dóceis ao pensamento oficial, nem “bolsistas” que vivam do amparo governamental, exercendo uma liberdade entre aspas. Logo virão os revolucionários que entoam o canto do homem novo com a voz autêntica do povo. É um processo que exige tempo.

Na nossa sociedade, a juventude e o Partido Comunista desempenham um grande papel.

A primeira é particularmente importante, por ser a matéria maleável com a qual se pode construir o homem novo sem nenhuma das falhas anteriores.

Ela recebe um tratamento de acordo com nossas condições. Sua educação é cada vez mais completa e não esquecemos sua integração com o trabalho desde os primeiros momentos. Nossos bolsistas fazem trabalho físico durante suas férias ou simultaneamente com o estudo. O trabalho em certos casos é um prêmio, em outros, um instrumento de educação, mas nunca um castigo. Uma nova geração nasce.

O partido é uma organização de vanguarda. Os melhores trabalhadores são propostos por seus companheiros para integrá-lo. Ele é minoritário, mas de grande autoridade pela qualidade de seus quadros. Nossa aspiração é que o partido seja de massas, mas quando as massas tenham alcançado o

nível de desenvolvimento da vanguarda, quer dizer, quando estejam educadas para o comunismo. O trabalho é dirigido para essa educação. O partido é o exemplo vivo: seus quadros devem dar aulas de laboriosidade e sacrifício, devem levar, com sua ação, as massas até o fim da tarefa revolucionária, o que implica anos de dura luta contra as dificuldades da construção, dos inimigos de classe, os flagelos do passado, o imperialismo...

Eu queria agora explicar o papel desempenhado pela personalidade pelo homem como indivíduo dirigente das massas que fazem a história. É nossa experiência e não uma receita.

Nos primeiros anos, Fidel deu à revolução o impulso, a direção, a tônica sempre, mas existe um bom grupo de revolucionários que se desenvolveu no mesmo sentido que o dirigente máximo, e uma grande massa que segue seus dirigentes porque tem fé neles; e tem fé neles porque souberam interpretar seus anseios.

Não se trata de quantos quilos de carne se come ou de quantas vezes por ano alguém pode ir passear na praia, nem de quantas belezas que vêm do exterior podem ser compradas com os salários atuais. Trata-se, precisamente, do indivíduo sentir-se mais pleno, com muito mais riqueza interior e com muito mais responsabilidade. O indivíduo do nosso país sabe que a época gloriosa em que lhe é dado viver é de sacrifício; conhece o sacrifício. Os primeiros o conheceram na Sierra Maestra e onde quer que se tenha lutado; depois o conhecemos em toda Cuba. Cuba é a vanguarda da América e deve fazer sacrifícios por ocupar justamente o lugar de vanguarda e porque indica às massas da América Latina o caminho da liberdade total.

No interior do país, os dirigentes devem cumprir seu papel de vanguarda; e temos de dizê-lo com toda a sinceri-

dade, em uma revolução verdadeira, na qual se dá tudo, da qual não se espera nenhuma retribuição material: a tarefa do revolucionário de vanguarda é, ao mesmo tempo, magnífica e angustiante.

Deixe-me dizer, com o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de amor. É impossível pensar em um revolucionário autêntico sem essa qualidade. Talvez este seja um dos grandes dramas do dirigente; ele deve unir a um espírito apaixonado uma mente fria, e tomar decisões dolorosas sem contrair um só músculo. Nossos revolucionários de vanguarda devem idealizar esse amor aos povos, às causas mais sagradas, e torná-lo único e indivisível. Não podemos baixar com sua pequena dose de carinho cotidiano até os lugares onde o homem comum o pratica.

Os dirigentes da revolução têm filhos que em seus primeiros balbucios não aprendem a chamar o pai; mulheres que devem ser parte do sacrifício geral de sua vida para levar a revolução ao seu destino; o marco dos amigos corresponde estritamente ao marco dos companheiros de revolução. Não há vida fora dela.

Nessas condições, deve-se ter uma grande dose de humanidade, uma grande dose de sentimento de justiça e de verdade para não cair em extremos dogmáticos, em escolasticismos frios, em isolamento das massas. Todos os dias deve-se lutar para que esse amor à humanidade viva e se transforme em fatos concretos, em atos que sirvam de exemplos, de mobilização.

O revolucionário, motor ideológico da revolução dentro do seu partido, se consome nessa atividade ininterrupta, cujo único fim é a morte, a não ser que a construção se realize em escala mundial. Se seu afã revolucionário diminui quando as tarefas mais prementes se veem realizadas em

escala local, e se esquece o internacionalismo proletário, a revolução que dirige deixa de ser uma força impulsionadora e acaba numa modorra cômoda da qual se aproveitam nossos inimigos irreconciliáveis, o imperialismo, que ganha terreno. O internacionalismo proletário é um dever, mas também uma necessidade revolucionária. Desse modo educamos nosso povo.

Claro que existem perigos presentes nas circunstâncias atuais. Não apenas o do dogmatismo, não apenas de congelar as relações com as massas em meio à grande tarefa, mas existe também o perigo das debilidades nas quais se pode cair. Se o homem pensa que para dedicar sua vida inteira à revolução ele não pode distrair sua mente com a preocupação da falta de um determinado produto para o filho, com o fato de os sapatos das crianças estarem acabando, com o fato de sua família carecer de determinado bem necessário, ele, com esse raciocínio, deixa que se infiltre o germe da futura corrupção.

No nosso caso, temos mantido que nossos filhos devem ter e carecer daquilo que têm e daquilo que carecem os filhos do homem comum e que nossa família deve compreendê-lo e lutar por isso. A revolução se faz por meio do homem, mas o homem deve forjar dia a dia seu espírito revolucionário.

Assim vamos marchando. À cabeça da imensa coluna – não temos vergonha, nem nos intimida dizê-lo – está Fidel, depois estão os melhores quadros do partido e imediatamente depois, tão perto que sua enorme força pode ser sentida, está o povo em seu conjunto; sólida armação de individualidades que caminham até um fim comum; indivíduos que chegaram à consciência do que é necessário fazer; homens que lutam para sair do reino da necessidade e entrar no da liberdade.

Essa imensa multidão se ordena; sua ordem corresponde à consciência da necessidade dela; já não é mais uma força dispersa, divisível em mil frações projetadas no espaço como fragmentos de granadas, procurando apenas alcançar, por qualquer meio, numa luta travada contra seus semelhantes, uma posição ou algo que dê uma segurança diante de um futuro incerto.

Sabemos que existem sacrifícios à nossa frente e que devemos pagar um preço pelo fato heroico de constituir uma vanguarda como nação. Nós, dirigentes, sabemos que temos um preço a pagar por ter o direito de dizer que estamos à cabeça do povo que está à cabeça da América. Todos e cada um de nós paga pontualmente sua cota de sacrifício, conscientes de receber o prêmio na satisfação do dever cumprido, conscientes de avançar com todos até o homem novo que se vislumbra no horizonte.

Permita-me tentar algumas conclusões:

Nós, socialistas, somos mais livres porque somos mais plenos; somos mais plenos por sermos mais livres.

O esqueleto da nossa liberdade completa está formado; falta-lhe apenas a substância proteica e a roupagem; nós as criaremos.

Nossa liberdade e seu sustento cotidiano têm cor de sangue e estão repletas de sacrifícios.

Nosso sacrifício é consciente; cota para pagar a liberdade que construímos.

O caminho é longo e, em parte desconhecido; conhecemos nossas limitações. Faremos o homem do século XXI; nós mesmos.

Nós nos forjaremos na ação cotidiana, criando um homem novo com uma nova técnica.

A personalidade desempenha o papel de mobilização e de direção enquanto encarna as mais altas virtudes e aspirações do povo e não se afasta do caminho.

Quem abre o caminho é o grupo de vanguarda, os melhores dentre os bons, o partido.

O alicerce fundamental da nossa obra é a juventude: nela depositamos nossa esperança e a preparamos para tomar a bandeira das nossas mãos.

Se esta carta balbuciante esclarece alguma coisa, cumpriu o objetivo a que me propus.

Receba nossa saudação ritual, com um aperto de mãos ou um “Ave-maria puríssima”.

Pátria ou morte.



**BATALLA DE
IDEAS**

Batalla de Ideas (Argentina)
www.batalladeideas.com.ar



Bharathi Puthakalayam (India)
www.thamizhbooks.com



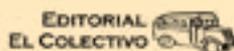
Chintha (India)
www.chinthapublishers.com



Deshar Katha (India)



Editorial Caminos (CMMLK, Cuba)
www.ecaminos.org



El Colectivo (Argentina)
www.editorialelcolectivo.com



**expressão
POPULAR**

Expressao Popular (Brazil)
www.expressaopopular.com.br



Fondo Editorial Fundarte (Venezuela)
www.fundarte.gob.ve



Gonoprokashon (Bangladesh)



Simón Bolívar Institute (Venezuela)
www.isb.ve



Janashakti Prakashan (India)



Kriya Madyama (India)



LeftWord

LeftWord (India)
www.mayday.leftword.com



NAKED PUNCH

Naked Punch (Pakistan)
www.nakedpunch.com



Nava Telangana (India)
www.navatelanganabooks.com



Ojas: Vidyarthi Ni Pahal

Ojas: Vidyarthi Ni Pahal (India)



Prajasakti (India)
www.psbh.in



tricontinental

Tricontinental Institute of Social Research
www.thetricontinental.com



वाम

Vam Prakashan (India)
mayday.leftword.com/vaam-prakashan/



ZALOŽBA
** cf.*

Založba / * cf (Slovenia)
www.zalozbacf.si